

# UM ESTUDO SOBRE O KARMA

*(A Study in Karma, 1912)*



# Annie Besant

Conteúdo					
1	<a href="#">Princípios Fundamentais</a>	16	<a href="#">Pensamento, o Construtor</a>	31	<a href="#">Para Além do Passado</a>
2	<a href="#">Leis: Naturais e Humanas</a>	17	<a href="#">Meditação Prática</a>	32	<a href="#">Velhas Amizades</a>
3	<a href="#">A Lei das Leis</a>	18	<a href="#">Vontade e Desejo</a>	33	<a href="#">Crescemos quando Damos</a>
4	<a href="#">O Eterno Agora</a>	19	<a href="#">O Domínio do Desejo</a>	34	<a href="#">Karma Coletivo</a>
5	<a href="#">A Sucessão</a>	20	<a href="#">Dois Outros Pontos</a>	35	<a href="#">Karma Familiar</a>
6	<a href="#">A Causação</a>	21	<a href="#">A Terceira Linha</a>	36	<a href="#">Karma Nacional</a>
7	<a href="#">As Leis da Natureza</a>	22	<a href="#">A Justiça Perfeita</a>	37	<a href="#">O Karma da Índia</a>
8	<a href="#">Uma Lição da Lei</a>	23	<a href="#">Nosso Ambiente</a>	38	<a href="#">Desastres Nacionais</a>
9	<a href="#">O Karma não Oprime</a>	24	<a href="#">Nossos Familiares</a>	39	<a href="#">Como o Ego Escolhe</a>
10	<a href="#">Aplicação desta Lei</a>	25	<a href="#">Nosso País</a>	40	<a href="#">O Karma da Inglaterra</a>
11	<a href="#">O Homem nos Três Mundos</a>	26	<a href="#">A Luz para um Homem Bom</a>	41	<a href="#">A Revolução Francesa</a>
12	<a href="#">Entendendo a Verdade</a>	27	<a href="#">O Conhecimento da Lei</a>	42	<a href="#">Um Nobre Ideal Nacional</a>
13	<a href="#">O Homem e seu Ambiente</a>	28	<a href="#">As Escolas Antagônicas</a>		
14	<a href="#">Os Três Destinos</a>	29	<a href="#">A Visão Mais Moderna</a>		
15	<a href="#">O Par de Triplicidades</a>	30	<a href="#">O Auto-Exame</a>		

## Karma

Extraído de *A Luz da Ásia*, de Sir Edwin Arnold

*Ele não conhece nem ira nem perdão; completa verdade  
É o que mede sua vara, é o que pesa sua balança infalível;  
O tempo não conta; julgará amanhã,  
Ou depois de muitos dias.  
Assim o punhal do assassino golpeará ele mesmo;  
O juiz injusto perderá seu próprio defensor;  
A língua enganosa vitupera sua própria mentira; o ladrão  
sorrateiro  
E o solerte larápio roubam, só para devolver.  
Esta é a Lei que conduz à justiça,  
A qual ninguém pode fugir ou arrostar;  
Seu coração é Amor, o seu fim  
É doce Paz e Consumação.  
Obedecei!*

---

Entre os muitos dons iluminadores concedidos ao mundo Ocidental, transmitidos a ele através da Sociedade Teosófica, o do conhecimento do karma, quem sabe, só é menos importante do que o conhecimento sobre a reencarnação. Ele remove o pensamento e o desejo humanos do reino dos eventos arbitrários para o reino da lei, e deste modo coloca o futuro do homem sob seu próprio controle, na proporção de seu conhecimento.

A principal concepção do karma: “Assim como o homem semear, colherá”, é fácil de entender. Mas a sua aplicação em detalhe na vida diária, o método de sua operação e o largo alcance de suas conseqüências – estas são as dificuldades que se tornam mais desafiadoras para o estudante à medida que aumenta seu conhecimento. Os princípios em que se baseiam todas as ciências naturais são, na maior parte, rapidamente inteligíveis às pessoas de alguma inteligência e educação usual; mas quando o estudante passa dos princípios à prática, da generalidade aos detalhes, ele descobre que dificuldades o pressionam, e se ele há de dominar completamente este assunto ele vai sentir-se compelido a um aprofundamento, e a dedicar longos períodos tentando desenredar os nós que se lhe apresentam. É assim também com esta ciência do karma; o estudante não pode permanecer para sempre no terreno das generalidades; ele deve estudar as subdivisões da lei primária, deve tentar

aplicá-la em todas as circunstâncias da vida, deve aprender até onde ela obriga e como a liberdade se torna possível. Ele deve aprender a ver no karma uma lei universal da natureza, e aprender também, em face à natureza como um todo, que só se pode conquistá-la e governá-la obedecendo-a. "A Natureza é conquistada pela obediência".

### **Princípios Fundamentais**

A fim de entender o karma, o estudante deve começar com uma visão clara de certos princípios fundamentais, de cuja ausência muitos se sentirão constantemente confundidos, fazendo perguntas sem fim que não podem ter resposta satisfatória sem o solo firme daqueles fundamentos. Portanto, neste estudo, começo com eles, embora muitos de meus leitores já estejam familiarizados com eles através de declarações anteriores, minhas e de outros. O conceito fundamental, sobre o qual repousa todo o correto pensamento ulterior sobre o karma, é que ele é uma lei - uma lei eterna, imutável, invariável, inviolável, uma lei que jamais pode ser quebrada, existindo na natureza das coisas, e um Teosofista bem informado diria: "Não se deve interferir com seu karma". Mas sempre que uma lei natural está em ação, podemos interferir nela até onde pudermos. Não ouvimos uma pessoa dizer solenemente: "Não se deve interferir na lei da gravidade". Entende-se que a gravitação é uma das condições com que temos de lidar, e que temos perfeita liberdade de anular qualquer inconveniência que ela possa causar contrapondo-lhe uma outra força, construindo um contraforte para suportar aquilo que de outra forma cairia ao chão sob a lei da gravidade, ou de outro modo.

Quando alguma condição na natureza nos incomoda, usamos nossa inteligência para contorná-la, e ninguém sequer sonha em nos dizer que "não devemos interferir nela" ou mudar qualquer condição que não nos agrada. Podemos interferir somente quando temos conhecimento, pois não podemos extinguir qualquer força natural, nem evitar que atue. Mas podemos neutralizá-la, podemos desviar sua ação, se temos sob nosso comando uma outra força suficiente, e ao passo que eu jamais desconsideraria para nós um só fragmento de sua atividade, ela pode ser sustida, contrafeita, contornada, exatamente de acordo com nosso conhecimento de sua natureza e atuação, e das forças à nossa disposição. O karma não é mais "sagrado" do que qualquer outra lei natural; todas as leis da natureza são expressões da natureza divina, e vivemos e nos movemos nelas; mas elas não são imperativas; são forças que estabelecem condições em que vivemos, e que atuam dentro e fora de nós; podemos manipulá-las; nós as entendemos, e à medida que nossa inteligência se desenvolve nos tornamos mais e mais seus senhores, até que o homem se torna um super-homem, e a natureza material se torna sua serva.

### **Leis: Naturais e Humanas**

Tem surgido muita confusão neste assunto, porque, no Ocidente, as leis "naturais" têm sido consideradas separadas das leis mentais e morais, ao passo que as leis mentais e morais são tanto parte da lei natural como as leis da eletricidade, e todas as leis são partes da ordem da natureza. A lei natural tem sido, em muitas mentes, confundida com a lei humana, e a arbitrariedade

da legislação humana tem sido transferida ao universo da lei natural. As leis que afetam os fenômenos físicos têm sido resgatadas desta arbitrariedade pela ciência, mas os mundos mental e moral ainda estão no caos da ausência de lei. Não um mandamento divino, mas a imanência da natureza divina, é o que condiciona nossa existência, e onde os profetas deixaram leis morais, elas foram declarações sobre as conseqüências inevitáveis no mundo moral, conhecidas pelo profeta, mas desconhecidas pelos seus ouvintes ignorantes; por causa de sua ignorância, seus ouvintes têm considerado suas declarações como mandamentos arbitrários de um legislador divino, enviadas através dele, em vez de meras declarações de fatos concernentes à sucessão dos fenômenos morais em uma região tão ordenada como a física.

A lei, no sentido secundário social, é uma determinação estabelecida por uma autoridade considerada legítima. Ela pode ser o edito de um autocrata, ou o ato de uma assembléia legislativa; em ambos os casos a força da lei depende do reconhecimento da autoridade que a cria. Entre os Hindus encontramos ambas as idéias, de lei humana e lei natural. O Rei, na concepção do Manu, é um autocrata, e o súdito deve obedecer; mas acima do Rei existe uma Lei à qual ele por sua vez deve ser obediente, uma Lei que age automaticamente e existe na própria natureza das coisas. A despeito de sua autocracia, ele é sujeito à Lei suprema, que pode destruí-lo se for desconsiderada. Diz-se que a opressão dos fracos é o inimigo mais fatal dos Reis; as lágrimas dos fracos corroem os alicerces dos tronos, e o sofrimento da nação destrói o governante. Os mundos físico e suprafísico se interpenetram, e causas desencadeadas em um deles provocam efeitos no outro. Na antiga Índia o Rei e seu Concílio faziam as leis do Estado, mas elas eram leis artificiais, e não naturais; elas obrigavam os súditos, e eram reforçadas pelas penalidades, mas tais leis diferem completamente da lei natural. Parece uma pena que uma só palavra deva ser usada para duas coisas tão diferentes como a lei natural e a artificial, pois elas são claramente distinguíveis pelas suas características.

As leis artificiais são mutáveis; aqueles que as criam podem mudá-las ou aboli-las. As leis naturais são imutáveis; não podem ser alteradas nem abolidas, mas jazem na natureza das coisas. As leis artificiais são locais, enquanto que as naturais são universais. Em muitos países a lei contra o roubo pode ser reforçada por qualquer penalidade escolhida pelo legislador; algumas vezes corta-se a mão fora, às vezes o ladrão é mandado para a prisão, outras vezes ele é enforcado. Além disso, a aplicação da penalidade depende da descoberta do crime. Uma penalidade que é variável e artificial, e da qual se pode escapar, obviamente não é relacionada causalmente aos crimes que pune. Uma lei natural não tem penalidades, mas uma condição segue-se invariavelmente a outra; se um homem rouba, sua natureza se torna mais larápia, cresce a tendência à desonestidade, e a dificuldade de ser honesto aumenta; esta conseqüência atua em todos os casos, em todos os países; e o conhecimento ou ignorância dos outros a respeito do roubo não faz diferença para as conseqüências. Uma penalidade que é local, variável e evitável significa que a lei é artificial, e não natural. Uma lei natural é uma seqüência de condições, estando presente uma condição, a outra condição inevitavelmente se seguirá. Se queremos produzir a segunda condição, devemos criar a condição primeira, e então a segunda condição sucederá como uma conseqüência invariável.

Quando deixadas por si mesmas estas seqüências nunca variam, mas se introduzimos uma nova condição a condição sucedente será alterada. Assim a água desce por um canal inclinado de acordo com a lei da gravidade, e se colocarmos a água no topo, ela invariavelmente descera pela inclinação; mas podemos obstruir o fluxo colocando um obstáculo no caminho, e então a resistência que o obstáculo contrapõe à força da gravidade a contrabalançará, mas a força da gravidade continua ativa e é detectada na pressão sobre o obstáculo. A primeira condição é chamada de causa, a condição resultante é chamada de efeito, e a mesma causa sempre produz o mesmo efeito; no último caso, o efeito é resultante de ambas.

## **A Lei das Leis**

O karma é uma lei natural no sentido pleno do termo; é uma Causação Universal, a Lei de Causa e Efeito. Pode-se dizer que ela subjaz a todas as leis particulares, a todas as causas e efeitos. É uma lei natural em todos os seus aspectos e em todas as suas subdivisões; não é uma lei específica, mas uma condição universal, a lei única da qual dependem todas as outras leis, da qual todas as outras leis são expressões parciais. O *Bhagavad-Gita* diz que ninguém encarnado pode escapar dela - anjos, seres humanos, animais, vegetais, minerais, todos evoluem dentro desta lei universal; o próprio LOGOS, encarnado em um universo, atua em uma medida mais larga desta lei que é a de toda manifestação. Até onde qualquer ser esteja ligado à matéria, encarnado na matéria, estará dentro da lei kármica. Um ser pode escapar ou transcender um ou outro de seus aspectos, mas não pode, enquanto permanecer em manifestação, cair fora desta lei.

## **O Eterno Agora**

Esta Lei universal de Causação liga em uma unidade tudo o que acontece dentro da manifestação, pois é uma inter-relação universal. Uma inter-relação entre tudo o que existe - isto é o karma. Portanto ele é coexistente e simultâneo com a vinda à existência de qualquer universo específico. Portanto o karma é tão eterno como o Eu Universal. A inter-relação entre tudo existe sempre. Jamais começa; jamais cessa de existir. "O irreal não tem existência; o real jamais cessa de existir". Nada existe isolado, sozinho, sem relação, e o karma é a inter-relação de tudo o que existe. Ele é manifesto durante toda a manifestação de um universo, no que diz respeito àquele universo; em sua dissolução, o karma se torna latente.

No TODO tudo sempre É; tudo o que existiu, tudo o que agora é manifesto, tudo o que será, tudo o que pode ser, todas as possibilidades bem como todas as realidades, tudo existe no TODO. Aquilo que é externo, a existência exteriorizante, o desenvolvido, é o universo manifesto. Aquilo que sempre É, embora interno, germinal, é o universo não-manifesto. Mas o Interno, o Não-Manifesto, é tão real quanto o Externo, o Manifesto. A inter-relação entre os seres, dentro ou fora da manifestação, é o karma eterno. Como o Ser jamais cessa, igualmente o karma jamais se extingue, mas existe sempre. Quando parte daquilo que no TODO é coexistente se manifesta como um universo, a inter-relação eterna se torna seqüencial, e é vista como causa e efeito. No Ser

único, o TODO, tudo é ligado a tudo, tudo se relaciona a tudo, e no universo fenomênico, manifesto, estes elos e estas relações são expressos em eventos sucessivos, conectados causalmente na ordem de sua seqüência temporal, isto é, em sua aparência [*appearance*, no original, que traz dois significados: o *aparecimento* ao longo da linha temporal sucessiva, ou a *aparência*, no sentido de que em relação ao TODO, no eterno agora, o tempo, com seus eventos sucessivos, é ilusório - NT].

Alguns estudantes fogem de uma concepção metafísica como esta, mas a menos que esta idéia do Ser eterno - onde todos os seres existem sempre - seja entendida, o centro não poderá ser alcançado. Enquanto pensarmos a partir da circunferência, sempre haverá uma questão a mais por trás de cada resposta, começos e fins terminando sempre em um "Por quê?" por trás de cada começo. Para o estudante escapar disto, ele deve pacientemente procurar o centro, e deixar o conceito do TODO mergulhar em sua mente, até que se torne uma parte sempre presente de seu equipamento mental, e então os universos na circunferência se tornam inteligíveis, e a inter-relação universal entre todas as coisas, vistas da simultaneidade do centro, naturalmente se tornam causa e efeito nas sucessões da circunferência. É dito que o Eterno (o nome Hindu é Brahman, ou mais estritamente Nirguna Brahman, o Brahman sem atributos) é um oceano, que produz universos como suas ondas. O oceano simboliza o ser sem forma, sempre o mesmo. A onda, sendo uma parte, tem forma e atributos. As ondas sobem e descem, quebram-se em espuma, e os borrifos das ondas são os mundos em um universo.

Ou podemos pensar em uma gigantesca catarata, como o Niágara, onde a massa da torrente é uma só antes de se precipitar, e então se divide em inumeráveis gotículas, que refletem separadamente a luz, e as gotas são como os mundos, e o arco-íris que produzem é a vida multicolor. Mas a água é uma só, ao passo que as gotas são muitas, e a vida é uma só embora sejam muitos os seres. O Deus manifesto ou não-manifesto é um só e o mesmo, embora diferentes, embora apresentando atributos na manifestação, e atributos na não-manifestação; O LOGOS e Seu universo são unos, embora Ele seja a unidade, e o universo, a diversidade, Ele seja a vida, e o universo, as formas. Quando fora da manifestação o karma fica latente, pois os seres do manifesto são apenas conceitos no não-manifesto; na manifestação o karma se ativa, pois todas as partes de um mundo, de um sistema, de um universo, são inter-relacionadas. A ciência declara que nenhum movimento de uma parte pode ter lugar sem afetar o todo, e cientificamente todos concordam. As inter-relações são universais, e nenhuma pode ser rompida, pois a ruptura de uma romperia a unidade do todo. A inviolabilidade da lei natural reside em sua universalidade, e uma quebra na lei em qualquer parte significaria o caos universal.

## **A Sucessão**

Vimos que como a manifestação de um universo implica sucessão de fenômenos, também a inter-relação universal se torna a seqüência de causa e efeito. Mas cada efeito por sua vez se torna uma causa, e assim infinitamente, sendo a diferença entre causa e efeito não de natureza, mas de relação. As inter-relações que existem no pensamento do Eterno se tornam as inter-

relações entre os fenômenos no universo manifesto - naquela porção do pensamento expressa como universo. Antes da manifestação de qualquer universo particular haverá, no Eterno, o pensamento do universo que há de existir, e suas inter-relações. Aquilo que existe simultaneamente fora do espaço e do tempo no Eterno Agora gradualmente aparece no tempo e no espaço como fenômenos sucessivos. No momento em que concebemos um universo feito de fenômenos, somos obrigados a pensar nestes fenômenos sucessivamente, um após outro; mas no pensamento do Eterno eles existem sempre, e a limitação da sucessão ali não existe.

Mesmo nos mundos inferiores, onde as medidas de tempo são tão diferentes entre si, captamos um vislumbre das crescentes limitações da matéria densa. Mozart nos fala de um estado de consciência em que ele recebia uma composição musical como uma única impressão, embora em sua consciência comum ele só pudesse reproduzir aquela impressão única através de uma sucessão de notas. Ou também podemos olhar para uma pintura e receber uma única impressão mental - uma paisagem, uma batalha; mas uma formiga, caminhando sobre a pintura, não veria nenhum todo, mas apenas impressões sucessivas das partes pelas quais passava.

Pelo símile, pela analogia, obtemos alguma idéia da diferença de um universo como ele aparece para o LOGOS e como ele aparece para nós. Para Ele é uma impressão única, um todo perfeito. Para nós, uma seqüência imensa, em lento desdobrar. Assim o que para Ele é inter-relação se torna para nós sucessão. Em vez de ver infância, juventude e velhice como um todo, nós as vemos sucessivamente, dia a dia, ano a ano. O que é simultâneo e universal se torna sucessivo e particular para nossas mentes diminutas, andando por este mundo como a formiga sobre a pintura.

Subamos numa montanha e olhemos para uma cidade abaixo, e poderemos ver como as casas se relacionam entre si em quarteirões, ruas, e assim por diante. Nós as percebemos como um todo. Mas quando descemos para a cidade devemos andar de rua em rua, vendo cada uma separadamente, sucessivamente. Iguamente quanto ao karma, vemos as relações apenas uma a uma, e uma após outra, nem mesmo percebendo as relações sucessivas, tão limitada é nossa visão.

Tais exemplos podem freqüentemente nos ajudar a compreender as coisas invisíveis, e podem funcionar como muletas para nossa imaginação vacilante. E a partir de tudo isto podemos lançar nossa pedra angular para nosso estudo sobre o karma.

O karma é a inter-relação universal, e é visto em qualquer universo como a Lei da Causação, em conseqüência da aparição sucessiva dos fenômenos no devir, ou desdobrar, do universo.

## **A Causação**

A idéia da causação tem sido questionada nos tempos modernos. Huxley, por exemplo, no *Contemporary Review*, argumenta que conhecemos apenas a

seqüência, e não a causação; ele diz que se uma bola se move depois de ser golpeada por um bastão, não devíamos dizer que o golpe do bastão causou o movimento, mas apenas que foi seguido pelo movimento. Este ceticismo extremo aparece fortemente em alguns grandes homens do século XIX, uma reação contra a pronta credulidade e as muitas asserções não-provadas da Idade Média. A reação teve sua serventia, mas agora gradualmente está desaparecendo, como sempre ocorre com os extremos.

A idéia da causação surge naturalmente na mente humana, embora não seja comprovável pelos sentidos; quando um fenômeno tem sido invariavelmente seguido por outro fenômeno durante longos períodos de tempo, os dois acabam sendo ligados em nossas mentes, e quando um aparece, a mente, através da associação de idéias, espera o segundo; assim o fato de que a noite tem sido seguida pelo dia desde tempos imemoriais nos dá uma firme convicção de que o sol se elevará amanhã, como em incontáveis dias passados. A sucessão sozinha, contudo, não implica necessariamente causação; não consideramos o dia como a causa da noite, nem a noite como a causa do dia, apenas porque se seguem um ao outro. Para determinarmos uma causação precisamos mais do que uma sucessão invariável; precisamos que a razão veja aquilo que os sentidos são incapazes de discernir - uma relação entre as duas coisas que produz o surgimento da segunda quando a primeira aparece. A sucessão do dia e noite não é causada por nenhum deles; ambos são causados pela relação entre a Terra e o Sol; esta relação é uma causa verdadeira, reconhecida como tal pela razão, e enquanto a relação permanecer sem mudança, o dia e a noite serão seu efeito. A fim de vermos uma coisa como causa de outra, a razão deve estabelecer uma relação entre elas que seja suficiente para a produção de uma pela outra; então, e só então, podemos estabelecer corretamente uma causação. Chamamos de causação os elos que jamais se rompem entre os fenômenos, e que são reconhecidos pela razão como uma relação ativa, trazendo à manifestação um segundo fenômeno sempre que um primeiro se manifesta. Eles são as sombras das inter-relações que existem no Eterno, fora do espaço e do tempo, e se estendem sobre a vida de um universo, sempre que existirem as condições para sua manifestação. A causação é uma expressão da natureza do LOGOS, uma Emanação da Realidade Eterna; sempre que existir uma inter-relação no Eterno que demande sucessão para sua manifestação no tempo, ali há causação.

## **As Leis da Natureza**

Nosso próximo passo em nosso estudo é uma consideração das "Leis da Natureza". Todo o universo está incluso nas idéias de sucessão e causação, mas quando chegamos ao que chamamos de leis da natureza somos incapazes de ver sobre que área elas se estendem. Os próprios cientistas se sentem compelidos a falar com cuidado cada vez maior à medida que viajam para além do limite da observação factual. As causas e efeitos que são contínuos dentro da área de nossa observação podem não existir em outras regiões, ou atuações que são observadas aqui como invariáveis podem ser interrompidas pela erupção de alguma causa fora do que é "conhecido" em nosso tempo, embora provavelmente não fora do concebível. Entre 1850 e

1890 surgiram muitas declarações positivas sobre a conservação da energia e a indestrutibilidade da matéria. Foi dito que existe no universo uma determinada quantidade de energia, incapaz de diminuição ou aumento; que todas as forças são formas desta energia, que a quantidade de qualquer força específica, como o calor, pode variar, mas não o total da energia. Assim como 20 pode ser feito de 20 unidades, ou de 2 vezes 10, ou de 5 vezes 4, ou de 12 + 8, e assim por diante, permanecendo 20 no total, o mesmo ocorre com as formas variáveis e a quantidade total. A respeito da matéria também foram feitas declarações semelhantes; que ela é indestrutível, e portanto permanece sempre a mesma em quantidade; alguns, como Ludwig Buchner, declararam que os elementos químicos eram indestrutíveis, que "um átomo de carbono sempre foi um átomo de carbono", e assim por diante.

A ciência foi construída sobre estas duas idéias, e elas formaram a base do materialismo. Mas agora se percebe que os elementos químicos são dissolúveis, e que o próprio átomo pode ser um redemoinho no éter, ou talvez um mero buraco onde o éter não existe. Pode haver átomos através dos quais a força penetre, e outros através dos quais ele se esvaia - de onde? - para onde? A matéria não pode se tornar intangível, dissolver-se no éter? Não pode dar origem a nova matéria? Tudo é dúvida onde uma vez reinava a certeza. Também um universo tem seu "Anel-Não-Passarás" [expressão Teosófica para o limite derradeiro de um universo - NT]. Dentro de uma dada área só podemos falar com certeza de uma "lei da natureza".

O que é uma lei da natureza? J.N.Farquhar, no *Contemporary Review* de julho de 1910, em um artigo sobre o Hinduísmo, declara que se os hindus querem proceder a reformas devem abandonar a idéia do karma. Ele poderia também dizer que se um homem quiser voar ele deve abandonar a idéia de uma atmosfera. Entender a lei do karma não é renunciar à atividade, mas conhecer as condições sob as quais a atividade é melhor desenvolvida. Farquhar, que evidentemente estudou com atenção o Hinduísmo moderno, não captou a idéia do karma como ensinada pela escritura antiga e pela ciência moderna.

Uma lei da natureza não é um mandamento, mas um estabelecimento de condições. Nunca é demais repetir isso, nem reforçá-lo. A natureza não ordena isto ou aquilo; ela diz: "Eis certas condições; onde elas existirem, tais e tais resultados invariavelmente se seguirão". Uma lei da natureza é uma seqüência invariável. Se não nos agrada o resultado, mudemos as condições prévias. Ignorantes, ficamos desvalidos, à mercê das forças violentas da natureza; sábios, somos os mestres, e aquelas forças nos servem obedientes. Cada força da natureza é uma força capacitante, e não compulsória, mas é preciso conhecimento para utilizarmos seus poderes.

A água ferve quando chega aos 100°C sob pressão normal. Esta é a condição. Se subimos em uma montanha a pressão diminui, e a água ferve a 95°C. Mas uma água a 95°C não faz um bom chá. A Natureza proíbe então que tenhamos um bom chá no topo da montanha? De modo algum: sob pressão normal a água ferve a uma temperatura necessária para fazermos um chá; se perdermos pressão, supramos o déficit, bloqueemos o escape do vapor até que ele atinja a pressão devida, e poderemos fazer nosso chá com água a 100°C.

Se queremos produzir água pela união de oxigênio e hidrogênio, é preciso de uma certa temperatura, e podemos obtê-la com uma faísca elétrica. Se insistirmos em manter a temperatura no zero, ou em substituir o hidrogênio por nitrogênio, não podemos ter água. A natureza estabelece as condições que resultam na produção de água, e não podemos mudá-las; ela não produz nem impede a produção de água; somos livres para tê-la ou não; se a queremos, devemos reunir as coisas necessárias e assim criarmos as condições. Sem elas, nada de água. Com elas, água inevitavelmente. Estamos assim obrigados ou livres? Livres para criarmos as condições; obrigados quanto aos resultados, uma vez tendo produzido as condições. Sabendo isso, o homem de ciência, enfrentando uma dificuldade, não se entrega; ele arranja as condições com que pode produzir um resultado, aprende como criar as condições, seguro de que pode esperar o resultado.

### **Uma Lição da Lei**

Esta é a grande lição ensinada pela ciência à geração atual. A religião a tem ensinado através das eras, mas dogmaticamente, antes do que racionalmente. A ciência prova que o conhecimento é a condição da liberdade, e somente quando o homem sabe é que pode governar-se. O cientista observa as seqüências; ele realiza inúmeras vezes seus experimentos; ele elimina tudo o que for casual, colateral, irrelevante, e lenta e seguramente descobre o que constitui uma seqüência causativa invariável. Uma vez seguro dos fatos, ele age com certeza indubitável, e a natureza, sem mudar sua atuação, recompensa sua certeza racional com o sucesso.

Desta segurança cresce "a sublime paciência do investigador". Luther Burbank, na Califórnia, semeia milhões de sementes, seleciona alguns milhares de plantas, cruza poucas centenas, e pacientemente se encaminha para seus objetivos: ele pode confiar nas leis da natureza, e se falhar, reconhece que o erro está nele, e não nelas.

Há uma lei da natureza de que massas de matéria tendem a se mover em direção à Terra. Então eu deveria dizer: "Não posso andar nas estrelas, não posso voar pelo ar". Não, há outras leis. Contra a força que me prende ao chão eu contraponho outra força que está em meus músculos, e ergo meu corpo através delas. Uma pessoa com músculos fracos pela febre pode ter de ficar no chão, inválida; mas eu não quebro lei nenhuma quando aplico minha força muscular e subo as escadas.

A inviolabilidade da Lei não tolhe - ela liberta. Torna a Ciência possível, e racionaliza o esforço humano. Em um universo sem lei o esforço seria fútil, e a razão, inútil. Seríamos selvagens, tremendo nas garras de forças estranhas, incalculáveis, terríveis. Imagine um cientista em um laboratório onde o nitrogênio fosse ora inerte, ora explosivo, onde o oxigênio vivificasse hoje e sufocasse amanhã! Em um universo sem lei não ousaríamos nos mover, não sabendo o que qualquer ação nossa produziria. Nos movemos sabiamente, seguramente, por causa da inviolabilidade da Lei.

## **O Karma não Oprime**

Assim o Karma é a grande lei da natureza, com tudo o que isto implica. Assim como somos capazes de nos movermos no universo físico com segurança, conhecendo suas leis, também podemos nos mover com segurança nos universos mental e moral quando aprendemos suas leis. A maioria das pessoas, a respeito de seus defeitos mentais e morais, estão muito como na posição do homem que recusa subir as escadas por causa da lei da gravidade. Ele senta-se desanimado, e diz: "Esta é minha natureza, não posso fazer nada". É verdade, é a natureza do homem, já que ele a construiu no passado, e é "seu karma". Mas com um conhecimento sobre o karma ele pode mudar sua natureza, tornando-a amanhã diferente do que é hoje. Ele não está nas garras de um destino inevitável, imposto de fora sobre si; ele está num mundo de lei, cheio de forças naturais que ele pode utilizar para produzir o estado de coisas que ele deseja. O conhecimento e a vontade - isto é o que ele precisa. Ele deve perceber que o karma não é um poder que oprime, mas um estabelecimento de condições das quais derivam resultados invariáveis. Enquanto ele viver negligente, em um caminho fortuito, enquanto ele for como um homem flutuando na corrente, atingido por qualquer entulho que passa, soprado por qualquer brisa casual, sugado por qualquer redemoinho casual, isto promete fracasso, azares e infelicidade. A lei lhe possibilita atingir seus fins com sucesso, e coloca a seu alcance forças que ele pode usar. Ele pode modificar, alterar e reconstruir ao longo de outras linhas a natureza que é o resultado inevitável dos seus desejos, pensamentos e ações anteriores; esta natureza futura é tão inevitável como a presente: o resultado das condições que ele cria agora deliberadamente; "O hábito é uma segunda natureza", diz o provérbio, e o pensamento cria hábitos. Onde existe Lei nenhuma conquista é impossível, e o karma é a garantia da evolução do homem até a perfeição mental e moral.

## **Aplicando esta Lei**

Agora temos de aplicar esta lei à vida humana comum, aplicar o princípio à prática. Foi a perda das relações inteligíveis entre os princípios eternos e os eventos transitórios que tornou a religião moderna tão ineficaz na vida comum. Um homem passa a limpar seu quintal quando aprende a relação entre lixo e doença; mas ele deixa seu quintal mental e moral sujo porque ele não vê relação alguma entre seus defeitos mentais e morais e as várias terríveis experiências pós-morte com que ele é ameaçado pelas religiões. Daí ele ou desacredita das ameaças e segue negligente em seu caminho, ou espera escapar das conseqüências por algum conluio artificial com as autoridades. Em ambos os casos, ele não limpa seu caminho. Quando ele percebe que a lei é inviolável tanto nos mundos mental e moral quanto no físico, pode ser esperado que ele se torne tão razoável naqueles como já é neste.

## **O Homem nos Três Mundos**

O homem, como o conhecemos, vive normalmente em três mundos, o físico, o emocional e o mental, e é posto em contato com cada um por um corpo

formado com seu tipo peculiar de matéria, e age em cada um deles através do corpo apropriado. Portanto, ele cria resultados em cada um de acordo com seus respectivos poderes e leis, e tudo isto está incluso na onipresente lei do karma. Durante sua vida diária na consciência desperta ele está criando "karma", isto é, resultados, nestes três mundos, através da ação, desejo e pensamento. Enquanto seu corpo físico dorme, ele cria karma em dois mundos - o emocional e o mental, e a quantidade de karma criado por ele então depende do estágio que ele atingiu na evolução.

Podemos nos limitar a estes três mundos, pois aqueles ainda mais acima não são habitados conscientemente pelo homem comum; mas deveríamos, não obstante, lembrar que somos como árvores, cujas raízes estão fincadas nos mundos superiores, e cujos ramos se estendem nos três mundos inferiores em que jazem nossos corpos mortais, e onde nossa consciência atua.

A lei atua dentro dos seus próprios mundos, e deve ser estudada como se suas operações fossem independentes; assim como cada ciência estuda as leis que atuam em sua própria esfera, mas não esquece da atuação mais ampla de condições mais abrangentes, igualmente o homem deve, enquanto trabalha nas três esferas - física, emocional e mental - lembrar da abrangência da lei que inclui todas elas em seu campo de atividade. Em todas as esferas as leis são invioláveis e imutáveis, e cada uma produz seu pleno resultado próprio, embora o resultado final de sua interação seja a força efetiva que resta quando foi realizado o balanceamento completo das forças opostas. Tudo o que vale para as leis em geral vale para o karma, a grande lei. Estando presentes as causas, os eventos devem se seguir. Mas eliminando ou acrescentando causas os eventos devem ser modificados.

Uma pessoa se embriaga; ele pode dizer: "Meu karma é ficar bêbado"? Ele fica bêbado por causa de certas tendências que existem em si mesmo, da presença de companheiros vulgares, e de um ambiente onde se vende bebida. Vamos supor que ele deseje vencer este hábito ruim; ele conhece as três condições que o levam à embriaguez. Ele pode dizer: "Não sou forte o bastante para resistir às minhas próprias tendências para beber em companhia dos desregrados. Não irei mais onde há bebida, nem me associarei mais a pessoas que me induzem a beber". Ele muda as condições, eliminando duas delas, e embora incapaz de mudar imediatamente a terceira, o resultado é que ele já não se embriaga. Ele não está "interferindo no karma", mas está confiando nele; nem um amigo está "interferindo no karma" se ele o convence a abandonar as más companhias. Não há nenhum decreto kármico impondo que um homem fique bêbado, mas há somente a existência de condições em meio às quais ele certamente acabará embriagado; existe, de fato, um outro modo de mudar as condições, aplicando uma poderosa força de vontade; isto também introduz uma nova condição, que alterará o resultado - por adição, em vez de por eliminação.

No único sentido em que o homem pode "interferir" nas leis da natureza ele fica na inteira liberdade de fazê-lo, na medida em que quiser e puder. Ele pode inibir a ação de uma força opondo-lhe outra; ele pode vencer a gravidade através do esforço muscular. Neste sentido, ele pode interferir no karma à

vontade, e deve interferir quando os resultados são indesejáveis. Mas a expressão não é feliz, e pode ser mal-entendida.

A lei é: tais e tais causas conduzem a tais e tais resultados. A lei é imutável, mas o jogo dos fenômenos é sempre mutante. A causa mais poderosa de todas é a vontade e a razão humanas, e esta é a causa que em sua maioria é omitida quando as pessoas falam de karma. Nós somos causas, porque somos a vontade divina, unos com Deus em nosso ser essencial, embora tolhidos pela ignorância e trabalho através da matéria densa, que nos bloqueia até que seja conquistada pela sua espiritualização. A imutabilidade do karma não é a imutabilidade dos efeitos, mas da lei, e é isto o que nos torna livres. Seríamos verdadeiramente escravos se estivéssemos em um mundo em que tudo ocorresse por acaso. Mas de acordo com nosso conhecimento temos nossa liberdade e segurança em um mundo de lei. Na Idade Média os químicos não eram de modo algum livres para produzir os resultados que desejavam, mas tinham que aceitar os resultados que ocorriam, imprevistos e em sua maioria indesejados, que poderiam ser o seu próprio e sério ferimento. O resultado de uma experiência poderia ser um produto útil, ou poderia ser a redução do experimentador a pedaços. Roger Bacon pôs em ação causas que lhe custaram um olho e um dedo, e por fim lhe deixaram estendido inconsciente no chão de sua cela; fora de nosso conhecimento estamos em perigo, e qualquer causa que possamos colocar em ação pode nos destruir, pois nos mundos mental e moral nos assemelhamos a Roger Bacon; dentro de nosso conhecimento podemos nos mover livres e seguros, como o químico bem treinado o faz hoje. É verdade que em todos os três mundos em que vivemos quanto mais soubermos mais poderemos prever e controlar. Porque a lei é inviolável e imutável, então o conhecimento é o requisito da liberdade. Estudemos então o karma, e apliquemos nosso conhecimento à orientação de nossas vidas. Tantas pessoas dizem: "Oh, como gostaria de ser bom!", mas não usam a lei para criar as causas que resultam na bondade; como se um químico dissesse: "Oh, eu gostaria de ter água!", mas sem criar as condições que a produziriam.

Novamente devemos lembrar que cada força atua ao longo de sua linha especial, e que quando um grupo de forças conflui para um determinado ponto, a força resultante é o produto de todas elas. Assim como em nossos dias de colégio aprendemos a construir um paralelogramo de forças e assim encontrar a resultante de sua combinação, do mesmo modo com o karma podemos aprender a entender o conflito e combinação de forças que levam a uma única resultante. Ouvimos pessoas perguntar por que um homem bom fracassa em seu negócio enquanto um homem mau tem sucesso. Mas não há relação causal alguma entre bondade e ganho de dinheiro. Poderíamos dizer também: "Sou um homem muito bom; por que não posso voar pelo céu?" A bondade não é uma causa do vôo, nem atrai dinheiro. Tennyson falou sobre uma grande lei quando, em seu poema *Wages*, declarou que o salário da virtude não era "pó", nem descanso, nem prazer, mas a glória de uma imortalidade ativa. "A virtude é sua própria recompensa", no sentido mais pleno das palavras. Se somos confiáveis, nossa recompensa é que nos tornemos ainda mais confiáveis, e do mesmo modo com todas as virtudes. Os resultados kármicos

podem apenas ser da natureza de suas causas; eles não são arbitrários, como as recompensas humanas.

## **Entendendo a Verdade**

Isto parece ser óbvio: de onde então surge o instinto geral de que o sucesso na vida deveria acompanhar a bondade? Só podemos combater com sucesso um erro quando entendemos a verdade que reside em seu cerne e lhe dá vitalidade, e concorre para sua disseminação e persistência. Neste caso, a verdade é que se um homem se colocar conforme à lei divina, a felicidade será o resultado de tal harmonização. O erro é identificar sucesso mundano com felicidade, e desconsiderar o elemento tempo. Um homem entrando nos negócios se determina a ser honesto, e não tirar nenhuma vantagem injusta sobre os outros. Ele vê os inescrupulosos e desonestos passando à sua frente; se ele for fraco, se desencoraja, e mesmo, eventualmente, acaba por imitá-los. Se ele é forte, diz: "Trabalharei em harmonia com a lei divina, não importa quais possam ser os resultados mundanos imediatos" - assim a paz e felicidade interiores tornam-se suas, mas o sucesso não lhe chega; não obstante, na longa estrada, até mesmo o sucesso deve lhe acontecer, pois o que ele perde em dinheiro, ganha em confiança, já que quando um homem engana uma vez, pode enganar outras, e ninguém confiará nele. Em uma sociedade competitiva, a falta de escrúpulos confere sucesso imediato, ao passo que em uma sociedade cooperativa seria "lucrativa" a conscienciosidade. Pagar salários de fome a trabalhadores forçados a aceitá-los pelo mercado competitivo pode conduzir a um sucesso imediato contra rivais nos negócios, e o homem que paga um salário digno pode ver-se retardar na corrida pela fortuna; mas, na corrida mais longa, o último terá conseguido para si mesmo um trabalho melhor feito, e no futuro ele colherá a safra de felicidade onde quer que a tenha semeado. Devemos escolher nosso rumo e aceitar os seus resultados, não esperando dinheiro como paga pela bondade, nem vendo injustiça quando a esperteza inescrupulosa consegue o que ambiciona.

Uma instrutiva, embora não muito agradável, história indiana é a de um homem que prejudicou outro, e o prejudicado apelou ao Rei. Quando a punição a ser infligida a seu inimigo foi deixada à sua escolha, ele rogou ao Rei que enriquecesse seu inimigo; perguntado da razão para sua estranha escolha, e ele maldosamente disse que a riqueza e prosperidade mundana lhe dariam maiores chances de fazer o mal, acarretando-lhe assim um sofrimento maior na vida após a morte. Frequentemente o pior inimigo da virtude está nas condições de fartura material, e estas, que são consideradas um karma bom, são frequentemente o inverso em seus resultados. Muitos que se conduziram muito bem na adversidade se desencaminham na prosperidade, e se intoxicam dos prazeres mundanos. Consideremos agora como um homem afeta seu entorno, ou, no jargão científico, como o organismo influi em seu meio-ambiente.

## **O Homem e seu Ambiente**

O homem afeta seu ambiente de maneiras inumeráveis, que podem todas ser classificadas dentro de três modos de auto-expressão: ele o afeta pela Vontade, pelo Pensamento e pela Ação.

O homem desenvolvido é capaz de reunir suas energias e fundi-las em uma só, pronta para partir dele e provocar ação. Esta concentração de energias em uma força única, mantida em suspenso nele, contida antes de jorrar, é a Vontade; é uma concentração interior, uma modalidade da tripla expressão do Eu. Nos reinos subumanos, e nas divisões inferiores do humano, os objetos que em torno da criatura viva dão prazer ou dor atraem suas energias, e dizemos que estas energias múltiplas suscitadas pelos objetos são seus desejos, seja de prazer ou de repulsa. Só quando todas são reunidas numa só e direcionadas para um objetivo único podemos chamar esta energia única, pronta para agir, de Vontade. Esta Vontade é Auto-expressão, isto é, é dirigida pelo Eu; o Eu determina a linha a ser seguida, baseando sua determinação em experiência prévia. Nos reinos subumanos e no humano inferior os desejos são um fator importante no karma, dando origem aos resultados mais misturados; no reino humano superior a Vontade é a causa kármica mais poderosa, e quando um homem transmuta desejos em Vontade, ele "governa seus astros". O modo de expressão do Eu chamado de Pensamento pertence ao aspecto do Eu que se torna consciente do mundo exterior, o aspecto de Cognição. Isto traz conhecimento, e a atuação do Eu baseado no conhecimento obtido é Pensamento. Este também é um importante fator no karma, uma vez que é criativo e, como sabemos, constrói o caráter.

O modo de Auto-expressão que afeta diretamente o ambiente, a energia emanante do Eu, é Atividade, a ação do Eu sobre o Não-Eu. O poder de concentrar todas as energias em uma só é Vontade; o poder de se tornar consciente de um mundo externo é Cognição; o poder de afetar o mundo externo é Atividade. Esta ação é inevitavelmente seguida de uma reação vinda do mundo externo - o karma. A causa interna da reação é a Vontade; a natureza da reação é devida à Cognição, o agente promotor imediato da reação é Atividade. Isto entrelaça os três cordões do laço do karma.

### **Os Três Destinos**

"Deus criou o homem à Sua própria imagem", diz uma Escritura Hebraica, e as Trindades das grandes religiões são símbolos dos três aspectos da consciência divina, refletida na triplicidade da humana. O primeiro Logos do Teosofista, o Mahadeva do Hindu, o Pai dos Cristãos, tem a Vontade como predominante, e expressa o poder da soberania, a Lei pela qual o universo é construído. O Segundo Logos, Vishnu, o Filho, é a Sabedoria, aquele poder que sustenta tudo e penetra tudo pelo qual o universo é preservado. O Terceiro Logos, Brahma, o Espírito Santo, é o Agente, o poder criativo pelo qual o universo é trazido à manifestação. Não há nada na consciência divina ou humana que não encontre a si mesmo em um ou outro destes modos da expressão do Eu.

Novamente, a matéria tem três qualidades fundamentais que respondem diferentemente a estes modos de consciência, e sem as quais ela não poderia se manifestar mais do que a Consciência poderia expressar-Se sem estes

modos. Ela tem a inércia (*tamas*), o verdadeiro alicerce de tudo, a estabilidade necessária à existência, a qualidade que responde à Vontade. Tem a mobilidade (*rajas*), a capacidade de ser movida, respondendo à Atividade. Tem o ritmo (*sattvas*), o equalizador do movimento (sem o que o movimento poderia ser caótico, destrutivo), respondendo à Cognição. O sistema do Yoga, considerando tudo do ponto de vista da consciência, denomina esta qualidade rítmica de "cognoscibilidade", aquilo que faz com que a matéria seja conhecida pelo Espírito.

Tudo o que existe em nossa consciência, afetando o ambiente, e tudo no ambiente que afeta a consciência constroem juntos nosso mundo. A inter-relação entre nossa consciência e nosso ambiente é nosso karma. Por estes três modos de consciência nós tecemos nosso karma individual, sendo a inter-relação universal entre Eu e Não-Eu especializada por nós nesta inter-relação individual. À medida que nos elevamos acima da separatividade, a relação individual novamente se torna universal, mas esta inter-relação universal não pode ser transcendida enquanto existir a manifestação. Esta especialização do universal, e a ulterior universalização do particular, produz os "caminhos eternos do mundo" - a Senda da Exteriorização para aquisição de experiência, a Senda do Retorno, trazendo de volta para o lar a colheita da experiência; esta é a Grande Roda da Evolução, tão implacável quando a consideramos do ponto de vista da matéria, tão bela quando a vimos do ponto de vista do Espírito. "A vida não é um gemido, mas uma canção".

### **O Par de Triplicidades**

Assim temos em essência três fatores para a criação de karma, e três qualidades correspondentes na matéria, e devemos estudá-las a fim de tornar nosso karma o que queremos que seja. Podemos estudá-las em qualquer ordem, mas por muitas razões é conveniente tomarmos o fator cognitivo em primeiro lugar, porque nele residem os poderes do conhecimento e da escolha. Podemos mudar nossos desejos através do pensamento; não podemos mudar nossos pensamentos através de nossos desejos, embora possamos colorir-los; assim, no fim das contas, a ação é desencadeada pelo pensamento.

Nos primeiros estágios da selvageria, assim como na criança recém-nascida, a ação é causada pelas atrações e repulsões. Mas quase imediatamente a memória entra em jogo, a memória de uma atração, com o desejo de experimentá-la novamente; a memória de uma repulsa, com o desejo de evitá-la. Uma coisa uma vez deu prazer, é recordada, isto é, pensa-se nela, é desejada, e segue-se a ação para obtê-la. Os três elementos não podem em verdade ser separados, pois não existe ação que não seja precedida de pensamento e desejo, e que não tenda a reproduzir-se, uma vez executada. A ação é o sinal exterior do pensamento e desejo invisíveis, e sua realização dá origem a novos pensamentos e desejos. Os três formam um ciclo, perpetuamente retraçado.

### **Pensamento, o Construtor**

Assim os pensamentos atuam sobre a matéria; cada mudança na consciência é respondida por uma vibração na matéria, e uma mudança similar, mesmo repetida amiúde, produz uma vibração similar. Esta vibração é mais forte na matéria mais próxima a nós, e a matéria mais próxima a nós é nosso corpo mental. Se repetimos um pensamento, ele repete a vibração correspondente e, já que uma vez vibrada em uma determinada forma a matéria torna-se mais apta a vibrar da mesma forma novamente, quanto mais repetimos um pensamento mais pronta será a resposta vibratória. Enfim, depois de muita repetição, se estabelecerá uma tendência na matéria do corpo mental, para repetir automaticamente a vibração por sua própria conta; quando isso ocorre - uma vez que a vibração na matéria e o pensamento na consciência são inseparavelmente ligados - o pensamento aparece na mente sem qualquer atividade prévia de parte da consciência.

Daí, quando temos um pensamento sobre alguma coisa - uma virtude, uma emoção, um desejo - e deliberadamente tenhamos chegado à conclusão de que é desejável termos aquela virtude, sentirmos aquela emoção, sermos movidos por aquele desejo, firmemente nos dispomos a criar um hábito de pensamento.

Pensamos deliberadamente em certa coisa a cada manhã por alguns minutos, e logo vemos que ela emerge espontaneamente na mente (pela atividade automática da matéria mencionada acima). Persistimos em nossa criação de pensamentos até que formamos um poderoso hábito de pensamento, um hábito que só pode ser mudado por um processo igualmente prolongado de pensarmos na direção oposta. O pensamento recorre à mente sempre contra nossa vontade - como muitos devem ter descoberto quando são incapazes de dormir em virtude da recorrência involuntária de pensamentos importunos. Se estabelecermos assim o hábito de, digamos, honestidade, agiremos honestamente de modo automático; e se alguma forte atração por desejos desvia-nos para a desonestidade em alguma ocasião, o hábito honesto nos atormentará como jamais atormentaria um ladrão habitual. Teremos criado o hábito da honestidade; o ladrão não tem este hábito; daí sofreremos mentalmente quando quebramos o hábito, e o ladrão nunca sofre. A persistência em reforçarmos um tal hábito mental até que ele se torne tão forte que nenhuma força possa confrontá-lo faz um homem honesto; ele literalmente não pode mentir, não pode roubar; ele criou em si mesmo uma virtude invencível.

Pelo pensamento, então, podemos construir qualquer hábito que quisermos. Não há virtude que não possamos criar com o pensamento. As forças da natureza trabalham conosco, pois entendemos como usá-las, e elas se tornam nossas servas.

Se amamos nossos maridos, nossas esposas, nossas crianças, descobrimos que estas emoções de amor causam felicidade naqueles que as sentem. Se espalhamos o amor para os outros, resulta um aumento da felicidade. Nós, vendo isso, e desejando a felicidade para todos, deliberadamente começamos a pensar em amarmos os outros, em um círculo mais e mais amplo, até que a atitude amorosa seja uma atitude normal para com todos que encontramos.

Criamos o hábito do amor, e generalizamos uma emoção numa virtude, pois a virtude é apenas uma emoção boa tornada geral e permanente (Vide *The Science of Emotions*, de Bhagavan Das).

Tudo está debaixo da lei; não podemos conseguir habilidade mental ou virtude moral sentando-nos quietos e não fazendo nada. Mas podemos obter ambas com um pensamento estrênuo e perseverante. Podemos construir nossa natureza moral e mental através do pensar, pois "o homem é criado pelo pensamento; naquilo em que ele pensa, naquilo ele se tornará"; portanto, pensemos no que aspiramos ser, e inevitavelmente isso será nosso. Assim podemos nos tornar atletas mentais e morais, e nosso caráter crescerá rapidamente; no passado construímos o caráter com que nascemos; agora estamos construindo o caráter com que havemos de morrer, e com o qual voltaremos. Isto é karma. Todo mundo nasce com um caráter, e o caráter é a parte mais importante do karma. Os Muçulmanos dizem que "um homem nasce com seu destino enrolado em torno de seu pescoço". Pois o destino de um homem depende principalmente de seu caráter. Um caráter forte pode superar as circunstâncias mais desfavoráveis, e ultrapassar os obstáculos mais difíceis. Um caráter fraco é arrastado pelas circunstâncias, e fracassa diante dos obstáculos mais triviais.

### **Meditação Prática**

Toda a teoria da meditação é construída sobre estas leis do pensamento; pois a meditação é apenas pensamento deliberado e perseverante, dirigido a um objeto específico, e por isso é uma potente causa kármica. Usando o conhecimento e o pensamento para modificarmos o caráter, podemos muito logo produzir um resultado desejado. Se nascemos covardes, podemos pensar em nós mesmos como valentes; se nascemos desonestos, podemos nos imaginar honestos; se nascemos indignos de confiança, podemos nos pensar dignos dela. Tenhamos confiança na lei e em nós mesmos. Há outro ponto que não devemos esquecer. O pensamento concreto encontra sua realização natural na ação, e se não executamos um pensamento, então enfraquecemos o pensamento. Uma ação estrênuo ao longo da linha pensada deve seguir o pensamento, de outra forma o progresso será lento.

Percebamos, então, que se não podemos melhorar agora o caráter com que nascemos, o que é um fato que deve influenciar profundamente nosso destino atual, delimitando nossa linha de atividade nesta vida, podemos outrossim, pelo pensamento e pela ação baseada nele, modificar nosso caráter inato, eliminar suas fraquezas, erradicar suas faltas, reforçar suas boas qualidades, ampliar suas capacidades. Nascemos com um dado caráter, mas podemos mudá-lo. O conhecimento nos é oferecido como o meio de mudança, e cada um deve colocar em prática por si mesmo este conhecimento.

### **Vontade e Desejo**

Ainda devemos considerar Desejo e Atividade. A Vontade é a energia que incita à ação, e quando ela é atraída ou repelida por objetos exteriores, chamamo-la desejo, o aspecto inferior da Vontade, assim como o pensamento é o aspecto inferior da Cognição. Se um homem, confrontado com um objeto agradável, o apanha sem pensar, ele é movido pelo desejo; se ele se abstém, dizendo: "Não devo desfrutá-lo agora, porque tenho um dever a cumprir", ele está sendo movido pela Vontade. Quando a energia do Eu é controlada e guiada pela razão correta, é Vontade; quando se agita incontrolada, atraída para cá e para lá por objetos atraentes, é Desejo.

O desejo surge em nós espontaneamente; gostamos de alguma coisa, desgostamos de outra, e nossos gostos e repulsas são involuntários; não estão sob o controle da Vontade nem da razão. Podemos racionalizar sobre eles quando queremos justificá-los, mas eles são elementares, irracionais, anteriores ao pensamento. Não obstante podemos trazê-los sob controle, e podemos modificá-los - embora não diretamente.

Consideremos o gosto físico; uma azeitona, conservada em salmoura, é oferecida a uma criança, e geralmente é rejeitada com aversão. Mas é uma coisa da moda gostar de azeitonas, e as pessoas perseveram em comê-las, determinando-se a gostar delas, e logo as acham agradáveis. Elas mudaram sua repulsa por atração. Como essa mudança no gosto se produziu? Pela ação da Vontade, dirigida pela mente.

### **O Domínio do Desejo**

Podemos mudar os desejos através do pensamento. A natureza de desejo com que nascemos pode ser boa, má ou indiferente, e segue seu próprio curso na primeira infância. Logo passamos a examiná-la, e assinalamos alguns desejos como úteis, outros como inúteis ou mesmo nocivos. Quando formamos então uma imagem mental de uma natureza de desejo que seja útil e nobre, deliberadamente passamos a criá-la pelo poder do pensamento. Há certos desejos físicos que vemos produzindo doenças se deixados descontrolados: comer demais, por causa da gratificação do paladar; beber bebidas alcoólicas, porque relaxam e animam; ceder aos prazeres do sexo. Vemos nos outros que isso causa obesidade, nervos abalados, exaustão prematura. Nos determinamos a não ceder a eles; domamos os cavalos dos sentidos com os arreios e freios da mente, e deliberadamente os restringimos, embora continuem a lutar; se são muito incontroláveis, lembremos da imagem do glutão, do bêbado, do libertino exausto, e assim criamos uma repulsa para as causas que os tornam o que são. Do mesmo modo com todos os outros desejos. Escolhamos deliberadamente aqueles que levam a prazeres mais refinados e elevados, e rejeitemos aqueles que resultam em grosseria de corpo e mente. Haverá falhas em nossa resistência, mas a despeito das falhas, perseveremos. Primeiro, cedemos ao desejo e só tarde demais lembramos que havíamos resolvido nos abster. Logo o desejo e a memória da boa resolução surgirão juntos, e haverá um período de luta - nosso Kurukshetra - e às vezes venceremos e às vezes perderemos; mas perseveremos. Então os sucessos se multiplicarão e os fracassos diminuirão; perseveremos. Então o desejo morre, e contemplamos sua tumba, e assim que nos demoramos nisso, eles

revivem. Finalmente eliminamos aquela forma de desejo para sempre. Teremos agido em concordância com a lei e teremos vencido.

## **Dois Outros Pontos**

1. Os estudantes às vezes se perturbam porque em seus sonhos eles cedem a um vício que aqui embaixo já venceram, ou sentem o renascimento de um desejo que eles imaginavam morto há muito tempo. O conhecimento dissipará a problema. Durante os sonhos o homem está em seu corpo astral, e uma vibração de desejo, fraca demais para suscitar vibração na matéria física, causa uma vibração na matéria astral; que o sonhador resista, tão logo se determine a fazê-lo, e o desejo cessará.

Além disso, ele deve lembrar que durante algum tempo haverá no corpo astral alguma matéria daquele gênero, que antigamente era usada quando o desejo surgia, mas que agora, pelo desuso, está em processo de desintegração. Ela pode ser revivificada temporariamente por alguma forma de desejo passageira que a colocará em vibração artificialmente. Isto pode acontecer a alguém que esteja tanto dormindo ou acordado. Que a repudie: "Isto não procede de mim. Que se vá!", e a vibração será silenciada.

2. O lutador que está batalhando contra o desejo não deve deixar que sua mente se demore sobre os objetos que suscitam desejo. Novamente, o pensamento é criativo. O pensamento suscitará desejo, e o colocará em vigorosa atividade. Sobre o homem que se abstém da ação mas se delicia no pensamento, Shri Krishna disse duramente: "Este homem iludido é chamado de hipócrita". Alimentado pelo pensamento, o desejo não pode morrer. A repressão física apenas o tornará mais forte se ainda for alimentado pelo pensamento. É melhor não combater o desejo, mas evadir-se dele. Se ele surgir, voltemos a mente para outra coisa, um livro, um jogo, para qualquer coisa que seja ao mesmo tempo pura e interessante. Lutando contra o desejo a mente permanece nele, e assim o alimenta e reforça. Se sabemos que o desejo pode surgir, tenhamos à mão algo para onde nos voltarmos. Assim ele será desnutrido, não recebendo alimento nem da ação nem do pensamento. Não esqueçamos jamais que os objetos são desejáveis por causa da imanência de Deus. "Não há nada móvel ou imóvel que possa existir fora de Mim". Em certo estágio da evolução, a atração para eles atua para o progresso. Só mais tarde eles são ultrapassados. A criança brinca com uma boneca; faz bem, pois estimula o germe do amor materno. Mas uma mulher crescida brincando com uma boneca dá pena. Os objetos de desejo estimulam emoções que ajudam no desenvolvimento e estimulam seu exercício. Cessam de ser úteis quando crescemos para além deles, e cessando de ser úteis se tornam nocivos.

A influência de tudo isso sobre o karma é auto-evidente. Uma vez que pelo desejo criamos oportunidades e atraímos ao nosso alcance os objetos de desejo, nossos desejos mapeiam nossas oportunidades e nossas posses daí em diante. Não abrigando nada além de desejos puros, e não desejando nada que não seja útil no serviço, asseguramos um futuro de oportunidades de ajudar nossos irmãos, e de posses que serão consagradas à obra do Mestre.

## **A Terceira Linha**

Temos agora que considerar como o karma atua em relação à atividade, o terceiro aspecto do Eu. Nossas atividades - os modos pelos quais afetamos o mundo exterior da matéria - tecem a terceira linha de nosso karma, e em muitos aspectos este é o menos importante. Nossos pensamentos, assim que partem de nós, ao produzirem vibrações na matéria mental e astral em nosso redor, ou criando formas-pensamento e formas-desejo, se tornam ativos, são nossa atuação nos mundos externos de vida e forma, de consciência e de corpos. No momento em que partem eles afetam outras coisas e outras pessoas, eles são a ação, ou reação, conforme o caso, do organismo sobre seu ambiente. A reação de nossos próprios pensamentos sobre nós mesmos, como vimos, é a construção do caráter ou de faculdades; a reação de nossos desejos sobre nós mesmos é o ganho de oportunidades e objetos e poder; a reação de nossas atividades sobre nós mesmos é nosso ambiente, as condições e circunstâncias, os amigos e inimigos, que nos rodeiam. A circunstância mais próxima, a expressão do passado de nossas atividades é nosso corpo físico; ele é modelado para nós por um elemental especialmente criado para esta tarefa; nosso corpo é a resposta da natureza para aquela parte do total de nossas atividades passadas que podem ser expressas em uma única forma material, e aqui a "natureza" é os Senhores do Karma, os poderosos Anjos do Julgamento, os Registradores do Passado. Trazemos conosco duas terças partes de nosso karma - nossa natureza de pensamento e nossa natureza de desejo, as tendências germinais que criamos em nosso longínquo passado; a terceira parte é aquela em cujo interior nascemos; aquela que limita nossa Auto-expressão e nos tolhe; nossa atuação anterior no mundo externo reage sobre nós como o total de nossas limitações - nosso ambiente, incluindo nosso corpo físico.

É provável que um estudo aprofundado das atividades passadas e do ambiente atual resulte em um conhecimento de detalhes que hoje não possuímos. Lemos em escrituras Budistas e Hindus uma grande massa de detalhes sobre este assunto, provavelmente obtidos a partir da observação meticulosa e cuidadosa. No presente, nós, estudantes modernos, podemos apenas afirmar poucos fatos genéricos. Crueldade extrema infligida sobre desamparados, crianças, animais - reage em inquisidores, pais ou professores brutais ou vivissectores sob forma de disformidades, mais ou menos repugnantes e extremas, de acordo com a natureza e extensão da crueldade.

## **A Justiça Perfeita**

Da agonia física infligida resulta agonia física sofrida, pois o karma é a restauração do equilíbrio perturbado. A motivação, nesta área, não alivia o fardo mais que a dor de uma queimadura é aliviada porque o sofrimento foi suspenso ao salvarmos uma criança do fogo. Onde houve um bom motivo, mesmo que intelectualmente mal-dirigido - como salvar-se almas da tortura do inferno, no caso do inquisidor, ou salvar-se corpos da tortura da doença, no caso do vivissector - tem seu pleno resultado na área do caráter. Por isso

podemos ter uma pessoa nascida deformada, mas com um caráter gentil e paciente, o que demonstra que em uma vida passada ele procurou o bem, mas fez o mal. Os Anjos do Julgamento são absolutamente justos, e a linha dourada do amor mal-dirigido pode rebrilhar ao lado da linha escura tecida pela crueldade; não obstante, a linha escura acarretará à pessoa que foi cruel um corpo defeituoso. Por outro lado, onde a ambição de poder e a indiferença para com a dor alheia misturaram suas perniciosas influências ao cometimento de crueldade, será encontrado ainda uma perturbação mental e emocional; um caso histórico é o de Marat, que, em vez de expiar a crueldade do passado, intensificou-a com mais crueldade na própria vida em que esteve colhendo os frutos do mal anterior. As doenças hereditárias e congênitas, assim, são a reação por más ações passadas. O bêbado em uma vida anterior nascerá em uma família onde a embriaguez trouxe doenças dos nervos - epilepsia e outras assim. O devasso nascerá em uma família manchada com doenças que nascem do vício sexual. Uma "hereditariedade ruim" é a reação por causa de atividades equivocadas no passado. Muitas vezes o homem que está colhendo esta amarga seara demonstra em sua natureza moral que ele purgou-se do mal, embora a colheita física ainda persista. Uma constante paciência, um doce contentamento perene, dizem que o mal ficou para trás, que a vitória foi obtida, embora os ferimentos ganhos no combate ainda aflijam e causem padecimento. Do mesmo modo um soldado seriamente ferido em um campo de batalha permanece mutilado para o resto de sua vida física, mas mesmo assim ele não se lamenta com a pungência da aflição e da perda que assinalam o glorioso cumprimento do dever para com sua Bandeira. E estes guerreiros que venceram em uma batalha ainda maior não precisam lamentar muito sobre a fraqueza ou deformidade de um corpo que só fala de uma luta que encerrou, mas podem usar pacientemente a medalha que ganharam por uma batalha vencida, sabendo que em uma vida futura não permanecerá cicatriz alguma.

### **Nosso Ambiente**

A nação e família em que um homem nasce dão-lhe o campo adequado para o desenvolvimento das faculdades que ele precisa, ou para o exercício das faculdades que ele obteve e que são necessárias para o auxílio dos outros naquele lugar e época. Às vezes uma vida esforçada passada em companhia de superiores, que estimularam poderes latentes e aceleraram o crescimento de faculdades germinais, é seguida de uma outra de amenidade entre pessoas comuns, a fim de testar a realidade da força adquirida e a solidez da aparente conquista sobre si mesmo. Às vezes, quando um Ego obteve definitivamente certas faculdades mentais e as assegurou como partes de seu equipo mental através de suficiente prática, ele nascerá em um ambiente onde elas são inúteis, e será confrontado com tarefas muito diversas de sua índole inata. Um homem ignorante sobre o karma se irritará e bufará, desempenhará mal-humorado suas tarefas desagradáveis, e pensará lamentoso sobre seus "talentos desperdiçados, enquanto que Fulano, aquele idiota, está em uma posição para a qual não é talhado"; ele não percebe que aquele Fulano tem de aprender uma lição que ele mesmo já aprendeu, e que ele mesmo não evoluiria mais repetindo-a sempre e sempre depois de aprendida. Em uma situação similar, quem sabe sobre o karma estudaria calmamente seu ambiente, perceberia que ele não ganharia nada fazendo o que já lhe é fácil fazer - isto é,

que ele já fez bem no passado - e se aplicaria contente ao trabalho desagradável, procurando entender o que ele tem a lhe ensinar, e se disporia resolutamente a aprender a nova lição.

### **Nossos Familiares**

Do mesmo modo a respeito de um Ego que se vê tolhido por responsabilidades e deveres familiares, quando ele poderia partir para responder ao chamado por ajudantes em uma obra maior. Se ele ignora o karma, ele se impacientará com seus laços, ou mesmo os romperá, assegurando assim que eles retornem no futuro. O conhecedor do karma veria nestes deveres a reação de suas atividades passadas, e pacientemente os aceitaria e cumpriria; ele sabe que quando eles estiverem completamente cumpridos eles se desligarão dele e o deixarão livre, e que enquanto isso não ocorre eles têm alguma lição a lhe ensinar que lhe compete aprender; ele procuraria enfrentar estas lições e aprender com elas, certo de que os poderes que elas evocam o tornarão um auxiliar mais eficiente quando ele estiver livre para responder ao chamado ao qual toda a sua natureza vibra por responder.

Novamente, o conhecedor do karma procuraria estabelecer, em sua nação e família, condições que atraiam Egos avançados e de tipo nobre. Ele providenciaria que a manutenção da casa, sua limpeza escrupulosa, suas condições higiênicas, sua harmonia, bons sentimentos, gentileza, pureza de sua atmosfera mental e moral, pudessem formar um ímã que atraísse Egos de um nível superior quando eles procurarem encarnação - se houver parentes jovens na casa - ou se já encarnados, entrando na família como futuros maridos e esposas, amigos, ou dependentes. Até onde seus poderes alcançarem, ele ajudará em criar condições similares em sua cidade, estado ou país. Ele sabe que os Egos devem nascer em condições adequadas para eles, e que, portanto, arranjando bons ambientes, ele atrairá Egos de um tipo desejável.

### **Nosso País**

A respeito de nosso ambiente nacional, o conhecedor do karma deveria estudar cuidadosamente as condições nacionais em que nasceu, a fim de ver se ele nasceu lá principalmente para desenvolver qualidades em que ele é deficiente, ou principalmente para ajudar sua nação com as qualidades que ele já desenvolveu em si mesmo. Em épocas de transição, podem nascer em uma nação muitos Egos com qualidades do tipo requerido para as novas condições nas quais a nação está entrando. Assim, na América, que atualmente desenvolve o início de uma Comunidade na qual a cooperação substituirá a competição, devem ter nascido numerosos Egos de vasta habilidade organizadora, de poder de vontade altamente desenvolvido, de aguda inteligência comercial; eles criaram trustes, organizações industriais construídas com a mais consumada habilidade, manifestando as vantagens econômicas de se eliminar a competição, de controlar-se a produção e a distribuição, e de atender-se, mas sem desperdício, a demanda. Assim eles abriram o caminho à produção e distribuição cooperativas, e prepararam um futuro mais feliz. Logo nascerão Egos que verão no assecuramento do conforto

da nação um estímulo maior do que o ganho pessoal, e eles completarão o processo transicional; uma condição reuniu em um foco as forças do individualismo; a outra reunirá as forças para o bem comum.

Assim o ambiente é governado pelo karma, e com um conhecimento da lei o ambiente desejado pode ser criado. Se ele nos obriga quando uma vez chamado à existência, não obstante cabe a nós decidir o que ele será no futuro. O poder sobre aquele ambiente futuro está em nossas mãos agora, pois seu criador é a atividade do presente.

### **A Luz para um Homem Bom**

Eis uma luz para o homem bom que se encontra rodeado por condições infelizes. Ele criou seu caráter, e também suas circunstâncias. Seus bons pensamentos e desejos fizeram dele o que ele é; o mau direcionamento deles criou o ambiente através do qual ele sofre. Que ele, então, não se satisfaça em ser bom, mas que veja se sua influência em tudo à sua volta também é benéfica. Então tudo reagirá sobre ele sob forma de um bom ambiente. Por exemplo: uma mãe é muito altruísta, e ela estraga seu filho cedendo, à sua própria custa, a todos os seus desejos, não o ajudando em nada para que ele supere suas inclinações egoístas, e alimentando sua natureza inferior e asfixiando a superior. O filho cresce egoísta, descontrolado, escravo de seus próprios anseios e desejos. Ele provoca infelicidade na casa, causando talvez até mesmo dívidas e desgraças. Esta reação é o ambiente que ela criou através de sua falta de sabedoria, e ela deve suportar a aflição que isso lhe traz.

Um homem egoísta pode, por outro lado, criar para si mesmo no futuro um ambiente considerado pelo mundo como afortunado. Com a esperança de ganhar alguma honraria, ele funda um hospital e o equipa completamente; muitos sofrendores ali encontram alívio, muitos moribundos têm seus últimos momentos suavizados, muitas crianças são amorosamente cuidadas até que voltem à saúde. A reação a isto tudo será ambientes confortáveis e agradáveis para ele mesmo; ele colherá a safra do bem físico que tiver semeado. Mas seu egoísmo também colherá de acordo com seu gênero, e mental e moralmente ele fará a colheita respectiva, uma colheita de desapontamento e dor.

### **O Conhecimento da Lei**

O conhecimento sobre o karma não apenas capacita o homem a construir à vontade seu próprio futuro, mas também o habilita a entender a atuação da lei kármica no caso dos outros, e deste modo auxiliá-los com maior eficácia. Só através do conhecimento da lei podemos nos mover destemidos e úteis nos mundos onde a lei é inviolável e, estando nós mesmos seguros, podemos habilitar outros a atingirem uma segurança similar. No mundo físico a supremacia da lei é admitida universalmente, e o homem que desconsidera a "lei natural" é considerado não um criminoso, mas um tolo. Idêntica é a tolice, e tem um alcance ainda maior, de desconsiderarmos a "lei natural" nos mundos acima do físico, e imaginarmos que enquanto no mundo físico a lei é onipresente, os mundos mental e moral sejam desorganizados. Naqueles

mundos, assim como no físico, a lei é inviolável e onipresente, e acima de tudo é verdadeiro que

*"Embora os moinhos de Deus moam lentamente,  
eles moem com uma finura extrema;  
Paciente Ele espera, pois Ele mói tudo com exatidão"*

Vimos que nosso presente é o resultado de nosso passado, que pelo pensamento construímos nosso caráter; pelos desejos, nossas oportunidades de satisfazê-los; pelas ações, nosso ambiente. Consideremos agora o quão longe podemos modificar no presente o resultado do nosso passado, até onde somos obrigados, até onde somos livres.

### **As Escolas Antagônicas**

No pensamento do mundo externo, muito longe das idéias da reencarnação e do karma, tem havido muita opinião antagônica. Robert Owen e sua escola consideraram o homem como um fruto das circunstâncias, ignorando a hereditariedade, este pálido reflexo científico do karma; eles acharam que mudando o ambiente o homem podia ser mudado, principalmente se as crianças fossem removidas antes de criarem maus hábitos; uma criança tirada de um ambiente ruim e colocada em um meio bom cresceria como um homem bom. O fracasso do experimento social de Robert Owen mostrou que sua teoria não continha toda a verdade. Outros, percebendo a força da hereditariedade, quase ignoraram o ambiente; "A Natureza", disse Ludwig Buchner, "é mais forte que a educação". Há verdade em ambas estas teorias extremas. Porquanto a criança traz consigo a natureza construída em seu passado, mas graças ao ambiente de uma nova mentalidade e uma nova natureza emocional, na qual suas faculdades e qualidades autocriadas de fato existem, mas apenas como germes, não como poderes plenamente desenvolvidos, estes germes podem ser cultivados para um crescimento rápido ou atrofiados por falta de cultivo, e isto se deve à influência do ambiente para o bem ou para o mal. Sobretudo, a criança recebe ainda a roupagem de um novo corpo físico, com sua própria hereditariedade física, planejada para possibilitar a expressão de alguns dos poderes que ela traz consigo, e isto pode ser largamente afetado pelo seu ambiente, e desenvolvido saudável ou insalubrememente. Estes fatos estavam ao lado da teoria de Robert Owen, e eles explicam o sucesso obtido por instituições como as *Casas do Dr. Bernardo*, onde os germes do bem são cultivados e os germes do mal são erradicados. Mas o criminoso congênito e seres semelhantes não podem ser redimidos em uma única vida, e eles, em seus vários graus, são os insucessos do salvador benevolente.

Igualmente é verdade, como afirma a escola oposta, que o caráter inato é uma força que todo educador deve reconhecer; ele não pode criar faculdades que não estão lá; ele não pode erradicar de todo tendências más que lançam raízes sob a superfície, procurando alimento adequado; algum alimento lhes vêm da atmosfera de pensamento em torno, das malignas formas de desejo que provêm do mal nos outros, formas de pensamento e desejo que flutuam no ar à volta e não podem ser completamente excluídas - exceto por meios ocultos, desconhecidos dos educadores comuns.

## **A Visão mais Moderna**

A visão científica mais moderna de que organismo e ambiente agem e reagem mutuamente entre si, cada um modificando o outro, e que destas modificações surgem novas ações e reações, e assim por diante perpetuamente, incorpora o que é verdadeiro em cada uma das visões mais antigas; ela só precisa ser expandida pelo reconhecimento de uma consciência perene que passa de vida para vida trazendo seu passado consigo, sempre crescendo, sempre evoluindo, e com seu crescimento e evolução se tornando um fator sempre mais poderoso na direção e controle de seu destino futuro.

Assim chegamos ao ponto de vista Teosófico; não podemos renegar o que trouxemos conosco, nem o ambiente em que fomos lançados; mas podemos modificar a ambos, e quanto mais soubermos, mais efetivamente podemos modificá-los.

## **O Auto-exame**

O primeiro passo é examinarmos deliberadamente o que podemos chamar de nosso "estoque comercial"; nossas faculdades e qualidades inatas, bons e maus, nossos poderes e nossas fraquezas, nossas oportunidades atuais, nosso verdadeiro ambiente. Nosso caráter é a coisa mais rapidamente modificável, e devemos nos lançar ao trabalho sobre ele, selecionando as qualidades que é desejável reforçarmos, as fraquezas que formam nossos perigos mais ameaçadores. Nós as tomamos uma a uma, e usamos nosso poder mental na maneira descrita antes, lembrando sempre que jamais devemos pensar na fraqueza, mas na força correspondente. Pensamos no que desejaríamos ser, e gradualmente, inevitavelmente, acabamos por sê-lo. A lei não pode falhar; só temos que trabalhar ao lado dela para termos sucesso.

A natureza de desejo é modificada pelo pensamento de modo similar, e criamos as formas-pensamento das oportunidades que precisamos; alerta para procurar e aproveitar uma oportunidade adequada, nossa vontade se fixa sempre nas formas de pensamento que criamos, e assim as traz à mão, literalmente criando e aproveitando as oportunidades que o karma passado não nos oferece.

O mais difícil de tudo é mudarmos nosso ambiente, pois aqui estamos lidando com a matéria em sua forma mais densa, aquela em que nossa força de pensamento tem menos poder. Aqui nossa liberdade é bastante restringida, pois neste terreno estamos em nosso ponto mais fraco e o passado em seu ponto mais forte. Mesmo assim não estamos completamente desvalidos, pois aqui, seja lutando seja cedendo, no final podemos ter sucesso. A parte indesejável de nosso ambiente que podemos mudar, mesmo que com um grande esforço, prontamente nos disponhamos a fazê-lo; aquela que não podemos mudar, aceitamos, e nos dispomos a aprender o que quer que ela tenha a nos ensinar. Quando aprendermos sua lição nos livraremos dela, como uma roupa gasta. Temos uma família indesejável; pois bem, estes são os Egos que atraímos à nossa volta por causa de nosso passado; cumprimos todas as

obrigações com paciência e carinho, pagando honradamente nossos débitos; adquirimos paciência pelos aborrecimentos que eles nos infligem, adquirimos fortaleza através das irritações diárias, adquirimos a capacidade de perdoar através dos seus erros. Nós os usamos como o escultor usa seus cinzéis, para aparar as excrescências e suavizar e polir nossa rusticidade. Quando sua utilidade estiver superada para nós, eles serão removidos pelas circunstâncias, levados para outro lugar. Da mesma forma a respeito das outras partes de nosso ambiente que à superfície são aflitivas; como um marujo experiente, que recolhe suas velas diante de um vento que ele não pode mudar e que o força a seguir por onde o leva, usamos estas circunstâncias que não podemos alterar nos adaptando a elas de modo que elas sejam compelidas a nos ajudar.

Assim, somos em parte obrigados e em parte livres. Devemos trabalhar no meio e com as circunstâncias que tivermos criado, mas dentro delas somos livres para trabalhar sobre elas. Nós mesmos, Espíritos eternos, somos inerentemente livres, mas só podemos agir na e através da natureza de pensamento, da natureza de desejo e da natureza física que tivermos criado; elas são nossos materiais e nossas ferramentas, e não teremos outros antes de os termos renovado completamente.

### **Para Além do Passado**

Um outro ponto a ser lembrado, de grande importância, é que o karma do passado é de um caráter muito misturado; não temos de lidar apenas numa única linha com a totalidade do passado, mas com uma tapeçaria constituída de linhas correndo em várias direções, algumas que se nos opõem, outras que nos são favoráveis; a força efetiva temos de enfrentar, a resultante, que aparece quando todas as oposições se neutralizaram, pode ser uma que de modo algum esteja além de nosso poder atual superação. Confrontados com uma parte do mau karma do passado, deveríamos sempre enfrentá-lo, tentando superá-lo, lembrando que ele encarna apenas uma parte de nosso passado, e que outras partes do mesmo passado estão conosco, fortalecendo-nos e revigorando-nos para o combate. O esforço presente, acrescido daquelas forças do passado, pode ser, e amiúde é, apenas o suficiente para vencermos a oposição.

Ou ainda, uma oportunidade se apresenta, e hesitamos em tirar partido dela, temendo que nossos recursos sejam inadequados para cumprir as responsabilidades que ela acarreta; mas ela não estaria lá se nosso karma não a tivesse trazido para nós como fruto de um desejo passado; que a colhemos, brava e tenazmente, e veremos que o próprio esforço despertou poderes latentes que estavam adormecidos dentro de nós, sem que soubéssemos deles, e que precisavam de um estímulo externo para despertá-los à atividade. Temos uma infinidade de poderes em nós, criados pelos esforços do passado, que estão à beira da expressão, e só precisam de uma oportunidade para desabrocharem sob forma de ação.

Devíamos sempre almejar um pouco além do que pensamos que podemos - não uma coisa completamente fora de nosso alcance atual, mas uma que esteja apenas um pouco além. À medida que trabalhamos para adquiri-la,

todas as forças que adquirimos no passado vêm para nos ajudar e fortalecer. O fato de quase podermos fazer uma coisa significa que no passado já trabalhamos por ela, e que a força acumulada daqueles esforços passados está dentro de nós. Aquilo que podemos fazer um pouco significa a existência de um poder para fazermos mais; e mesmo se falharmos, o poder aplicado ao máximo passa para o reservatório de nossas forças, e o fracasso de hoje significa a vitória de amanhã.

O mesmo vale para as circunstâncias adversas; podemos ter chegado a um ponto em que apenas um pouquinho mais de esforço significa sucesso. Por isso Bishma aconselhou o esforço em todas as condições, e disse a encorajadora frase: "O esforço é maior que o destino". O resultado de muitas tentativas passadas se encarna como nosso karma, e o esforço atual pode ajudá-las a tornarem a força suficiente e adequada para o atingimento de nossa meta.

Há casos em que a força do karma do passado é tão forte que nenhum esforço presente é capaz superá-la. Mesmo assim devemos nos esforçar, pois só poucos sabem se o seu é um caso destes, e na pior das hipóteses o esforço feito diminui a força kármica do futuro. Um químico freqüentemente trabalha anos para descobrir uma força, ou um arranjo da matéria, que o capacitará a atingir um resultado que ele deseja. Muitas vezes ele é frustrado, mas não se dá por vencido. Ele não pode mudar os elementos químicos, ele não pode mudar as leis de combinação química; ele os aceita tacitamente, e aqui está a "sublime paciência do investigador". Mas o conhecimento do investigador, sempre crescente em virtude de seus paciosos experimentos, por fim alcança o ponto que lhe possibilita obter o resultado desejado. Precisamente o mesmo espírito deve ser adquirido pelo estudante do karma; ele deve aceitar o inevitável sem queixas, mas deve também procurar incansável os métodos por onde seu objetivo possa ser assegurado, certo de que sua única limitação é a sua ignorância, e que o conhecimento perfeito deve significar poder perfeito.

## **Velhas Amizades**

Um outro fato da maior importância é que através do karma somos colocados em contato com pessoas que conhecemos no passado, algumas de quem somos devedores, algumas de quem somos credores. Ninguém faz sua longa peregrinação sozinho, e os Egos aos quais ele está ligado por muitos laços em um passado em comum vêm de todas as partes do mundo para rodeá-lo no presente. No passado conhecemos alguém que se adiantou muito mais do que nós na evolução; na ocasião talvez lhe tenhamos por acaso prestado algum serviço, e formou-se um laço kármico. No presente, este laço nos atrai para dentro da órbita de sua atividade, e a partir de fora recebemos um novo impulso ou força, um poder que não é nosso, que nos impele a ouvir e obedecer.

Muitos destes laços kármicos úteis temos testemunhado dentro da Sociedade Teosófica. Há muito, muito tempo atrás, Aquele que hoje é o Mestre K.H. foi feito prisioneiro em uma batalha contra um exército egípcio, e foi acolhido e abrigado generosamente por um egípcio de alta hierarquia. Milhares de anos

mais tarde, é necessária ajuda para a nascente Sociedade Teosófica, e o Mestre, olhando para a Índia, procurando alguém para ajudar nesta grande empresa, vê Seu velho amigo do Egito e de outras vidas, agora o Sr. A.P. Sinnett, editando o influente jornal anglo-indiano *The Pioneer*. O Sr. Sinnett vai, como de hábito, para Simla; Madame Blavatsky o alcança em seguida, para ser a intermediária; o Sr. Sinnett é atraído para dentro da influência imediata do Mestre, recebe instruções de Sua parte, e se torna o autor de *O Mundo Oculto* e *O Budismo Esotérico*, levando a milhares de pessoas a mensagem da Teosofia. Este direito ele adquiriu pela ajuda que deu no passado, o direito de ajudar da maneira mais elevada e de efeito mais abrangente, enquanto que nós mesmos somos ajudados pelo reatamento de velhos laços de amizade conquistados pelo serviço, recompensados regamente por aquele dom inestimável do conhecimento, ganho por um e disseminado para muitos.

### **Crescemos quando Damos**

Na verdade, neste mundo de lei, onde ação e reação são iguais, toda ajuda dada retorna para o ajudante, assim como uma bola rebate para o jogador quando ele a joga contra a parede. O que damos volta para nós; daí, mesmo que por uma razão egoísta, é sempre bom dar, e dar com abundância. "Joga teu pão sobre as águas, e o encontrarás depois de muitos dias". Dar, mesmo que por motivo egoísta, é bom, pois conduz a um intercâmbio de sentimentos humanos dignos, pelos quais tanto o doador quanto o receptor crescem e se expandem, de modo que o Divino dentro de cada um tem oportunidade de expressão mais larga. Mesmo que a doação, de início, seja produto de cálculo - "Aquele que dá ao pobre empresta ao Senhor; e vede, o que ele deu, ser-lhe-á devolvido" - mesmo assim o amor evocado tornará futuras doações mais espontâneas e altruístas, e assim os laços kármicos do amor unem Ego a Ego na longa série de vidas humanas. Todos os laços pessoais, seja de amor ou ódio, provêm do passado, e em cada vida reforçamos os laços que nos ligam a velhos amigos e asseguram nosso reencontro nas vidas que estão à frente. Desta forma construímos uma verdadeira família, para além dos laços de sangue, e voltamos à Terra de novo e de novo para estreitar mais ainda estes laços antigos.

### **Karma Coletivo**

Antes de completarmos este imperfeito estudo devemos considerar o que é denominado Karma Coletivo, o complexo onde são tecidos os resultados dos pensamentos, desejos e atividades coletivos de grupos, seja grandes ou pequenos. Os princípios em ação são os mesmos, mas os fatores são muito mais numerosos, e esta multiplicidade aumenta imenso a dificuldade de entendermos os efeitos.

A idéia de considerarmos um grupo como um indivíduo maior não é estranha à ciência moderna, e estes indivíduos maiores geram karma ao longo de linhas similares àquelas que já estudamos. Uma família, uma nação, uma sub-raça, uma raça, são todas apenas indivíduos maiores, cada uma tendo um passado atrás de si, que é o criador de seu presente, e cada uma com um futuro à sua frente, agora em processo de criação. Um Ego entrando em um tal indivíduo

maior deve partilhar de seu karma geral; seu próprio karma individual o trouxe até ali, e o karma maior freqüentemente oferece condições que habilitam o menor a descarregar-se.

### **Karma Familiar**

Consideremos o karma coletivo de uma família. A família tem uma atmosfera de pensamento própria, em cuja coloração entram as tradições e costumes familiares, as maneiras da família considerar o mundo externo, o orgulho familiar no passado, um forte senso de honra familiar. Todas as formas-pensamento de um membro da família serão influenciadas por estas condições, construídas talvez ao longo de centenas de anos, e modelando, conformando e colorindo todos os pensamentos, desejos e atividades do indivíduo que recém nasceu dentro dela. Tendências nele que conflitam com as tradições familiares serão suprimidas, sempre de modo inconsciente; as coisas que "um de nós não pode fazer" não terão atração para ele; ele será erguido acima de muitas tentações, e as sementes do mal que tais tentações poderiam ter vivificado silenciosamente atrofiarão nele. O karma coletivo da família lhe provê oportunidades para distinção, abrem avenidas de utilidade, trazem-lhe vantagens na luta pela vida, e asseguram seu sucesso. Como ele veio para condições tão favoráveis? Pode ser através de um laço pessoal com alguém que já está lá, um serviço prestado em uma vida anterior, um laço de afeto, um relacionamento não esgotado. Isto basta para atraí-lo para dentro daquele círculo, e então ele aproveita os vários resultados kármicos que pertencem à família em virtude de seu passado coletivo, a coragem, habilidade, utilidade de alguns de seus membros, que deixaram uma herança de consideração social como patrimônio familiar.

Quando o karma familiar é ruim, o indivíduo que nasceu dentro dele sofre, assim como no caso anterior ele aproveita, e o karma coletivo então tolhe, do mesmo modo que o anterior promovia, seu bem-estar.

Em ambos os casos o indivíduo usualmente terá construído em si mesmo características que requerem, para seu pleno exercício, o ambiente provido por esta família. Mas um laço pessoal muito forte, ou um serviço incomum poderia, na ausência dos outros fatores, atrair um homem para uma família onde ele se beneficiaria, e assim lhe dando uma oportunidade que em geral ele não mereceria, mas que conseguiu por este ato especial no passado.

### **Karma Nacional**

Pensem no karma coletivo de uma nação. Face a face com ele, o indivíduo é relativamente impotente, pois nada do que ele pode fazer pode livrá-lo dele, e ele deve guiar seu barco do melhor modo que puder. Até mesmo um Mestre pode modificar apenas ligeiramente um karma nacional, ou mudar a atmosfera nacional.

A ascensão e queda de nações são produzidas pelo karma coletivo. Atos de justiça nacional ou de crime nacional, originados de pensamento nobre ou vil, dirigidos em larga medida pelos ideais nacionais, ocasionam a ascensão ou

queda nacional. As ações da Inquisição Espanhola, a expulsão dos Judeus e Mouros da Espanha, as atrozidades crueldades que acompanharam a conquista do México e do Peru - todos estes foram crimes nacionais, que tiraram a Espanha de sua esplêndida posição de poder, e a reduziram a uma relativa impotência.

Mudanças geológicas - terremotos, vulcões, enchentes - ou catástrofes nacionais como fome pragas, tudo isto é caso de karma nacional, produzido por grandes correntes de pensamento e ação de um caráter antes coletivo que individual.

Assim como numa família, em uma nação também haverá, em um grau muito mais extenso, uma atmosfera criada pelo passado nacional; e tradições, costumes e pontos de vista nacionais exercerão uma vasta influência nas mentes de todos que viverem nesta nação. Poucos indivíduos podem se livrar por completo destas influências e analisar uma questão que afete toda a nação sem qualquer preconceito, ou considerá-la de um ponto de vista outro que não o de seu próprio povo. É daí que em larga medida surgem as disputas e suspeitas nacionais, seus pontos de vista errôneos, e a apreciação distorcida das motivações de outro povo. Mais de uma guerra estalou em consequência de diferenças nas atmosferas de pensamento em torno dos respectivos combatentes, e estas dificuldades são multiplicadas quando uma nação se constitui de diferentes grupos raciais, como por exemplo os italianos e os turcos. Tudo o que pode fazer nestes casos, quem conhece algo sobre o karma, é perceber o fato de que suas opiniões são em grande parte produto do indivíduo maior que é sua nação, e contornar este preconceito até onde possível, dando plena atenção às concepções derivadas do ponto de vista da nação antagonista.

Quando um homem se vê nas garras de um karma nacional a que ele não pode resistir - digamos que ele é membro de uma nação conquistada - ele deveria estudar com calma as causas que levaram à subjugação nacional, e devia por-se a trabalhar para remediá-las, tentando influenciar a opinião pública ao longo das linhas que erradicariam as causas.

### **O Karma da Índia**

Há algum tempo atrás apareceu um artigo, publicado no *East and West* - o jornal do Sr. Malabari - sobre o karma nacional da Índia, que foi um exemplo admirável do modo como o karma nacional *não* deve ser considerado. Foi dito que o karma da Índia era o de ser conquistada - obviamente verdade, doutro modo ela não teria sido dominada - e que portanto ela devia aceitar esta carga de serviço, e não tentar mudar nenhuma das condições existentes - obviamente tão errôneas. Quem sabe sobre o karma diria: "Os hindus não eram os possuidores originais desta área; eles vieram da Ásia Central, conquistando a região, subjugando seus povos nativos e reduzindo-os à servidão; durante milhares de anos eles conquistaram e governaram, e geraram um karma nacional. Eles rebaixaram as tribos vencidas e as tornaram escravas, oprimiram-nas e tiraram vantagem delas. O mau karma produzido assim lhes atraiu, por sua vez, muitos invasores. Gregos, mongóis, portugueses, holandeses, franceses, ingleses - todos eles vieram, lutaram,

venceram, e possuíram. Mesmo assim a lição do karma ainda não foi aprendida, embora os milhões de párias sejam uma prova auto-evidente dos males infligidos sobre eles. Agora os indianos reivindicam por uma participação no governo de seu próprio país, e são impedidos por este mau karma nacional. Que eles, então, ao mesmo tempo que solicitam maior liberdade para si mesmos, atendem para estes párias dando-lhes liberdade social e elevando-os na escala social. Um esforço nacional deve remover este mal nacional e eliminar esta contínua causa de fraqueza nacional. A Índia deve redimir o mal que fez e limpar suas mãos da opressão; assim ela mudará seu karma nacional e construirá as bases da liberdade. O karma atuará a favor da liberdade e não contra ela, quando o karma gerado pela opressão for mudado em karma gerado pela dignificação e respeito. O sentimento público pode ser mudado, e todo homem que falar com um inferior com bondade e gentileza está ajudando a mudá-lo. Enquanto isso, todos cujo próprio karma individual os atraiu para dentro desta nação, deveriam reconhecer os fatos como eles são, mas também trabalhar para mudar o que fosse indesejável. O karma nacional pode ser alterado, assim como o individual, mas como as causas foram geradas a longo prazo, o mesmo deve se dar com os efeitos, e as novas causas introduzidas só lentamente podem modificar os resultados derivados do passado.

### **Desastres Nacionais**

O karma que produz catástrofes sísmicas e outros desastres nacionais inclui em sua atuação vasto número de indivíduos cujo karma peculiar inclui morte súbita, doença ou prolongado sofrimento físico. É interessante e instrutivo observar o modo como pessoas que não têm estas dívidas kármicas são retiradas para fora do cenário de uma grande catástrofe, enquanto que outras são rapidamente atraídas para dentro dele; quando um terremoto mata um grupo de pessoas haverá casos de "salvação miraculosa" - alguém chamado para longe por um telegrama, por um negócio urgente, etc - e outros casos de igualmente miraculosa atração das vítimas ao local a tempo de morrerem. Se o chamado para longe provou ser impossível, então algum arranjo especial no momento as protegerá da morte, como uma viga segurando pedras que desmoronam, ou coisas assim.

Quando uma catástrofe natural é iminente, as pessoas com karma individual apropriado serão reunidas no local, como na enchente em Johnstown, ou no grande terremoto e incêndio de São Francisco. Em um terremoto no norte da Índia, há poucos anos, houve algumas vítimas que foram levadas de volta para lá apressadamente - apenas para serem mortas. Outros deixaram o local na noite anterior - para serem salvos da morte. A catástrofe local é usada para descarregar karmas individuais. Ou o veículo que leva um homem é parado por uma barreira na rua e ele perde o trem. Ele se aborrece, mas o trem descarrila e ele se salva. Não é que a barreira estivesse lá a fim de pará-lo, mas ela foi usada com este propósito. Em Messina houve alguns que não deviam morrer e que foram resgatados muitos dias depois, e em mais de um caso foi trazida comida por algum agente astral a fim de manter a vida. Em naufrágios, também, a segurança ou a morte dependerão do karma individual. Às vezes um Ego tem o débito de uma morte súbita a pagar, mas que não foi incluído nos débitos a serem pagos nesta encarnação; mas sua presença em algum

acidente produzido pelo karma nacional oferece a oportunidade de pagar o débito "fora do prazo devido". O Ego escolhe aproveitar a oportunidade e livrar-se logo do karma, e seu corpo é destruído junto com os outros.

### **Como o Ego Escolhe**

Características individuais desenvolvidas em uma vida podem levar seu possuidor, em outra vida, para uma nação que oferece facilidades particulares para seu exercício. Assim um homem que, digamos, na casta comerciante (*vaishya*) da Índia, desenvolveu uma poderosa mente concreta, apta para o comércio, pode ser levado para os Estados Unidos da América, e lá se tornar um Rockefeller. Em sua nova personalidade ele verá que uma vasta riqueza só é aceitável quando usada para o bem nacional, e ele seguirá na América o ideal *vaishya* de que o homem que reuniu grande riqueza se torna um custódio do patrimônio nacional, para distribuir sabiamente para o benefício geral os bens acumulados como posses pessoais. Assim o antigo ideal será plantado em meio a uma nova civilização, e se disseminará em outra parte através de outro povo.

### **O Karma da Inglaterra**

Uma nação colonizadora como a Inglaterra muitas vezes será culpada de muita crueldade na conquista das terras que pertenciam às tribos selvagens despojadas pelo colonizador. Milhares morreram prematuramente durante as conquistas e subsequente colonização. Eles têm um saldo credor coletivo contra a Inglaterra, como os débitos devidos por verdadeiros assaltos. Eles são atraídos para a Inglaterra e nascem em seus subúrbios, provendo uma população de criminosos congênitos, de pessoas amorais e de mente fraca.

O que se deve a eles pelo encerramento sumário de suas vidas anteriores deve ser pago através de educação e treinamento, acelerando assim sua evolução e elevando-os acima de sua selvageria natural.

### **A Revolução Francesa**

O egoísmo e indiferença coletivos dos ricos para com os pobres e miseráveis, deixando-os apodrecer em pardieiros superpovoados, em ambientes degradantes e suscitadores do mal, acarretou sobre eles problemas sociais e trabalho difícil, combinações perigosas. Levados a excessos na França durante os reinados de Luis XIV e Luis XV, estes mesmos egoísmo e indiferença foram as causas diretas da Revolução Francesa, da deposição da Coroa e da nobreza.

Ensinados pela Teosofia a ver as atuações da lei kármica na história das nações bem como na dos indivíduos, nós devíamos ser forças atuantes para o bem e para a prosperidade nacionais. A mais poderosa causa kármica é o poder de pensamento, e isso vale tanto para nações como para indivíduos.

### **Um Nobre Ideal Nacional**

Assumir um nobre ideal nacional é colocar em ação a mais poderosa força kármica, pois a um tal ideal estão sempre afluindo os pensamentos de muitos, e ele se torna mais forte pelo influxo diário. A opinião pública muda continuamente sob o fluxo destas influências e reproduz o que é apresentado constantemente para sua admiração. A força-pensamento se acumula até que se torna irresistível e eleva toda a nação para um nível superior.

Os que sabem sobre o karma trabalham deliberada e conscientemente, seguros de seus fundamentos, seguros de seus métodos, confiando na Boa Lei. Assim eles se tornam colaboradores conscientes da Lei Divina que opera na evolução, e são preenchidos de uma paz profunda e de uma felicidade sem fim.